

APONTAMENTOS HISTÓRICOS AMBIENTAIS DA NAVEGAÇÃO DO RIO GRAJAÚ ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XXI

ENVIRONMENTAL HISTORICAL NOTES OF THE NAVIGATION OF THE GRAJAÚ RIVER BETWEEN THE 18TH AND 21st CENTURIES

Geci dos Santos Silva 1
Marize Helena de Campos 2

Resumo: Este capítulo tem como proposta revisar aspectos da história do rio Grajaú sob a perspectiva da história ambiental. Para tanto, buscou-se dimensionar seu significado em diferentes épocas por diversas obras, vozes e vestígios que foram aqui estruturadas em uma narrativa composta por três tópicos: o primeiro apresenta uma abordagem sobre história ambiental e educação ambiental, destacando as dinâmicas da exploração do meio ambiente que resultaram na fundação da cidade de Grajaú do Maranhão e a importância da preservação do meio ambiente como forma de garantir sustentabilidade para o futuro; o segundo tem como foco principal elementos que marcaram a história da navegabilidade do rio Grajaú; por fim, o terceiro e último tópico traz as entrevistas feitas com o secretário de meio ambiente, pescadores da Colônia de Pescadores da cidade de Grajaú e com moradores ribeirinhos pescadores mais velhos que tem suas histórias e memórias sobre o rio e suas mudanças ao longo do tempo.

Palavras-chave: História. Educação Ambiental. Navegação. Rio Grajaú.

Abstract: This chapter aims to revisit aspects of the history of the Grajaú River from the perspective of environmental history. Therefore, we sought to measure its meaning at different times by different works, voices and vestiges that were structured here in a narrative composed of three topics: the first presents an approach on environmental history and environmental education, highlighting the dynamics of the exploration of the environment that resulted in the foundation of the city of Grajaú do Maranhão and the importance of preserving the environment as a way to guarantee sustainability for the future; the second focuses on elements that have marked the history of navigability on the Grajaú River; finally, the third and last topic brings the interviews made with the secretary of environment, fishermen from the Colony of Fishermen of the city of Grajaú and with riverside residents older fishermen who have their stories and memories about the river and its changes along the time.

Keywords: History. Environmental Education. Navigation. Grajaú River.

1- Graduada em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú, 2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7120578182483994>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0824-835X>. E-mail: gecisantosilva@gmail.com

2- Doutora em História Econômica FFLCH – USP. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) – UFMA. Colaboradora Doutorada do Centro de Humanidades CHAM/ Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-6237>. E-mail: marize.campos@ufma.br

Introdução

“Águas barrentas que passais ligeiros, espumejantes pelo rio afora, qual o segredo desta vaga fria que, em torno das gameleiras chora?”

Neste ano em uma grande enchente, que fez alvoroço neste mês de março lembro-me bom, de toda aquela gente em aflição nas margens sem espaço.

Que agonia, na noite de 20 de março do ano de 2003, enchente traiçoeira há quem diga Rio Grajaú, águas cristalinas, e hoje, barrentas com suas margens na brincadeira.

Passou o inverno chegou o verão, e o volume de água vai diminuindo, a culpa do desmato de tuas ribeiras, que triste histórias, mas, é verdadeira.”

(Poema: “A Tragédia do Rio Grajaú: pintas a tua terra que serás eterna”. Autor: Raimundo de Assunção Cunha. 30 / 08 / 2019)

O tema ora apresentado nasceu quando vi pela primeira vez o rio Grajaú e me questionei como teria sido no passado, quando suas águas ainda eram navegáveis e o quanto foi (e é) fundamental para a manutenção da vida das pessoas que vivem em regiões por onde ele passa. E quanto mais eu conhecia sua importância, mais a minha inquietação crescia. Foram muitos os dias em frente o seu correr e ouvindo o seu murmúrio, quase como um lamento, em que fiquei pensando o quanto exercia (e exerce) função determinante na paisagem natural e cultural da cidade e como pode chegar a estar assim, violentado pela poluição, assoreado e com limitadas possibilidades de navegação.

Nesse sentido, este capítulo, derivado da monografia apresentada para a conclusão do Curso de História – PARFOR – UFMA – Grajaú, apresenta a desafiadora perspectiva de “recontar” aspectos da história deste emblemático e importante rio para a cidade de Grajaú, por diversas vozes e vestígios.

O corpo documental deste trabalho foi composto por entrevistas, registros fotográficos e mapas do rio Grajaú. Tais fontes permitiram perceber a gravidade do depósito inadequado de lixo às margens do rio, bem como o assoreamento estimulado pela retirada da vegetação nativa.

Metodologicamente a pesquisa estruturou-se em bibliografia sobre o tema, em visitas in loco em pontos do rio Grajaú, análises de fotografias e entrevistas com membros da Associação de Pescadores da Colônia de Pesca Rio Grajaú localizado no Setor Central da cidade com pessoas da região ribeirinha do referido rio campo de estudo. De modo particular, as entrevistas, possibilitaram o conhecimento de aspectos da vida dos moradores ribeirinhos a partir de seus “olhares” e lembranças sobre o rio, suas mudanças com a ação do homem e suas realidades históricas.

Partindo do pressuposto que o estudo da História é, em larga medida, a investigação dos acontecimentos e trajetórias da humanidade acredito que, quando se quer entender as dinâmicas de criação de uma cidade torna-se imprescindível o exercício de “olhar ao redor”, estudar suas origens buscando alcançar o percurso de desenvolvimento de sua economia e cultura em um diálogo entre o passado e presente. Trata-se então, e como dito acima, de um estudo que elege como protagonista o rio Grajaú em seu percurso de vida e quase morte.

Espero enfim que estas páginas e seus conteúdos possam estimular ações de

revalorização da paisagem que emoldura a cidade de Grajaú, a partir da reintegração do rio que também leva seu nome à vida da população grajauense.

História ambiental e educação ambiental como fundamentos de análises histórica e geográfica do rio grajaú

Acredito que toda gestão pública, quer seja em âmbito municipal, estadual ou federal deve ter por princípio administrar os recursos públicos de forma segura e responsável. No caso dos recursos hídricos chega a ser primordial a competência e honestidade.

“A gestão de recursos hídricos no Brasil representa um problema crítico, devido à falta de mecanismos, tecnologias e, sobretudo, de recursos humanos suficientes para gerir de forma adequada as bacias hidrográficas do país”. (ALISSON, 2013). O que se sabe é que a degradação dos rios é um problema sério e, ligado a fatores como miséria, desemprego, falta de educação ambiental, falta de ações de fiscalização e ações reparadoras do poder público.

Estudar história ambiental é assumir compromisso em entender como as estruturas sociais se formarem torno dos recursos naturais mais básico, como é o caso do rio Grajaú que, por fornecer água em abundância se faz o principal meio de sobrevivência para as pessoas que criam suas comunidades nas suas proximidades, como foi o caso do Povoado Porto da Chapada que viria a forma a cidade de Grajaú - MA.

O rio Grajaú nasce na Serra da Cinta no extremo Sudoeste-Nordeste da cidade vizinha Formosa da Serra Negra que é uma região de serras e, deságua na foz do Rio Mearim antes de chegar a Capital São Luís, sendo de suma importância para a região Centro Sul do Maranhão, tanto do ponto de vista histórico ajudando na criação das cidades nas proximidades de seu curso, quanto no desenvolvimento das atividades agropecuária e no ecoturismo decorrente de suas belezas naturais.

Este rio tem suas características preservadas ao longo do tempo, contudo o grande diferencial que o fez deixar de ser navegável foi a redução de suas águas ao longo do período compreendido pelo surgimento das cidades nas proximidades de suas margens. Como pode ser observado dentro da cidade de Grajaú.

Inicialmente, a ação do homem sobre o rio Grajaú era praticamente inofensiva por se tratar de aldeias indígenas que tinham, por sua cultura um estilo de vida ecológico, em que a natureza é preservada por servir de sustento para os povos originários, ou seja, o extrativismo é um estilo de vida benéfico para a natureza em termos de preservação dos recursos naturais. Todavia, com as frentes colonizadoras sertaneja e litorânea o “homem branco” passou a dominar o destino do rio Grajaú causando mudanças no seu volume e na qualidade de sua água através de atividades agropecuária com uso de agrotóxicos e de dejetos urbanos lançados por seus córregos.

Hoje, ao andarmos pelas ruas e entornos de Grajaú, muitas vezes nos deparamos com cenas desoladoras, como a que presenciamos recentemente na rua Salomão Barros, centro da cidade, onde há um esgoto que passa pelo fundo do Hospital São Francisco de Assis e vai para o rio Grajaú passando por debaixo da referida rua aumentando o agravamento de sua poluição deste rio e prejudicando a fauna aquática em especial no período da piracema quando os peixes viajam para realizar sua desova e manter via sua espécie.

As transformações ambientais decorrentes da degradação do rio Grajaú são visíveis, principalmente quanto ao desmatamento indiscriminado, o acúmulo de lixo nas suas encostas, águas e leito bem como a destruição das matas ciliares e dos riachos seus afluentes

Como resultado desse processo, o que se vê é uma triste realidade de pouco volume de água em que as lajes de pedras se fazem visíveis no meio deste rio.

Navegando pela história do rio Grajaú

Sendo o Rio Grajaú muito caudaloso em meados do século XVIII quando houveram

grandes colonizações do Sul do Estado Maranhense, este sempre foi navegável por pequenas embarcações dos indígenas e, depois do “homem branco”, mas em se tratando de navegação comercial isto somente passou a ser uma realidade com a criação da Companhia Fluvial Maranhense.

A ligação da região Sul do Estado com o Norte foi, nesse período uma questão de sobrevivência e de crescimento econômico sustentável, de surgimento das cidades e de mais dinamismo nas viagens do Centro Sul do Estado para a capital São Luís ainda no Período Imperial.

Navegar este rio era quase uma questão de honra, de controle político e de lucros financeiros com a venda da carne bovina em vacuum e com a compra de materiais de construção, de confecção e outros artigos num intercâmbio econômico com a capital.

Como é retratado pelo historiador Pacheco Filho, mesmo na segunda metade do século XIX a política na capital São Luís era precária em termos de atendimento as demandas locais e isso não facilitava a criação de modal de transporte hidroviário para interligar a região Norte com a região Sul do Estado, mesmo parecendo certa a necessidade econômica deste feito através do rio Grajaú. Todavia, era questão de tempo para empresários começarem a se organizar para o explorar o potencial do transporte hidroviário do rio Grajaú, a par do perfil produtivo das fazendas de gado da região Centro sul do Maranhão, já que à medida que a população crescia, também crescia a demanda por alimentos, como a carne bovina e, isso viria a ser considerável elemento motivador e impulsionador da exploração comercial do rio Grajaú.

Assim, a segunda metade do século XIX do Estado do Maranhão ficou marcada pela criação de uma companhia de navegação fluvial pelo rio Grajaú ligando a capital com boa parte da região sul do Estado.

O que é relatado por Pacheco é que a descoberta das rotas fluviais comerciais do rio Grajaú que viriam a ser usadas pelas embarcações a vapor não foi trabalho fácil. Eram muitas as dificuldades em cumprir esta missão. Por exemplo, quando havia cachoeira era preciso desembarcar com os pertences, descer a canoa pelas corredeiras e depois voltar a embarcar para seguir viagem. E, em certos casos, os viajantes precisavam carregar as canoas motorizadas nos ombros.

Embora existam divergências entre relatos históricos sobre as primeiras viagens realizadas partindo da capital São Luís, há a concordância de que aquelas embarcações tenham seguido a rota que passava por povoados como o Porto da Chapada (atualmente Grajaú) mapeando as passagens seguras, com maior volume de água e inaugurando a rota fluvial que ligaria o norte ao sul do Estado.

Após aquela “conquista”, os relatos animaram os grupos empresariais da capital que passaram a investir em exames mais detalhados e confiáveis para garantir o sucesso da navegação comercial em suas grandes embarcações trazidas da Inglaterra.

Deste modo, surgiu uma empresa de navegação fluvial como proposta de desenvolvimento mais acelerado para os já muitos povoados existentes da região Centro Sul do Estado formados de criadores de gado em suas fazendas e seus empregados vaqueiros, bem como visando o crescimento de todo o Maranhão.

A Empresa de Navegação Fluvial Moreira da Silva & Cia., criada na década de 70 do século XIX, possuía 143 acionistas e tinha como presidente o Visconde de Itaqui do Norte. A sua fundação foi uma iniciativa do próprio visconde e de comerciantes da capital descontentes com o monopólio concedido pelo governo do Estado à Companhia criada por Teixeira Mendes. Inicialmente a empresa de Navegação Fluvial possuía apenas um vapor, o Vesúvio. Com os lucros obtidos, outras embarcações foram sendo compradas e incorporadas à companhia. Os vapores receberam os seguintes nomes: Gonçalves Dias; Carolina; e Nhô-Nhô. As barcas de sua propriedade eram: Aurá; Cariongo; Guannaré; Manajós; Icatu; Jundiai; Graxixá; Macapá; Pirapemas e Ipixuna. A empresa possuía ainda dois batelões de carga

(PACHECO FILHO, 2016, p. 327-328).

E, foi assim que criaram-se, por meio de concessões do governo da época, rotas fluviais pelos rios mais navegáveis do Maranhão, como os rios Mearim, Pindaré e Itapecuru, que se mostravam como as melhores rotas do ponto de vista de volume de água e importância de transporte de cargas e de pessoas para povoados já bem desenvolvidos poderem estabelecer intercâmbio social e comercial.

A história da navegabilidade do rio Grajaú com embarcações de grande porte à vapor tem, ainda, este capítulo, ou seja, como é relatado por Pachêco Filho, que o Governo Imperial da Província São Luís havia dado uma concessão de exploração da navegação fluvial pelo rio Grajaú e outros como o Mearim.

Consta ter sido sob pressão de grupos empresariais da capital que o Governo da Província através de seu Vice-presidente Barão de Grajaú concedeu, pela Lei Provincial nº 1.315 de 14 de abril de 1884 uma concessão de funcionamento. Estas duas concessões cedidas a empresa de navegação fluvial pelos rios do Maranhão promoveram um período de desenvolvimento social, político, religioso, cultural e econômico com a ligação por rios da capital São Luís com as cidades que iam sendo formadas de povoados na região Centro Sul do Estado como Grajaú e Barra do Corda.

Assim o primeiro impacto gerado com o surgimento da navegação fluvial a vapor parece, de fato, ter sido esta conexão da capital aos povoados ribeirinhos do rio Grajaú, que, até então, viviam sob a égide de uma economia de subsistência, ou seja, uma mudança para os cidadãos sertanejos vistos e lidos por muitos como “selvagens”, distantes e isolados de uma suposta “civilização”.

A perda da importância da navegabilidade do rio Grajaú, a par ao desenvolvimento da região Centro Sul do Estado, foi intensificada com as atividades agropecuária e o crescimento das cidades gerando redução significativa do volume de água deste rio e tornando-o inavegável por grandes embarcações.

Por volta do ano de 1960, o dito progresso social, político e econômico da cidade de Grajaú e de tantas outras cidades vizinhas passou a ter como principal meio de transporte o modal rodoviário. Especificamente a Rodovia Belém-Brasília, obra do Governo Militar durante a Ditadura Brasileira, marcou um novo tempo e forma de interligação das cidades da região Centro Sul do Estado do Maranhão, pois o transporte de passageiros e de mercadorias se fazia de modo mais dinâmico e ininterrupto ao longo 360 dias do ano.

Assistia-se o amargo e silencioso fim de futuros investimentos que objetivassem o refazer das rotas fluviais ligando o norte ao Sul deste Estado.

História atual do rio Grajaú pelas vozes de moradores locais

Perceber o rio Grajaú, mergulhar simbolicamente em sua história demandou ir além dos livros. Nesse sentido, algumas pessoas foram entrevistadas, entre as datas 02 e 10 do mês de setembro do ano de 2019, por serem agentes sociais formadores de opiniões acerca da história do rio Grajaú, por trabalharem cuidando da natureza ou por viverem da pesca profissional ou como pescadores tradicionais moradores ribeirinhos.

A primeira entrevista deu-se com o Secretário Municipal de Meio Ambiente Sr. Roberto Cleiton Nascimento Silva, realizada nas dependências de sua casa no dia 09.09.2019.

Como se pode constatar abaixo, sua fala é marcada por importantes informações técnicas sobre educação e preservação ambiental possíveis e passíveis de serem realizadas em favor da recuperação do rio Grajaú. Por exemplo.

De acordo com seus conhecimentos históricos, quais foram os principais de degradação do rio Grajaú no trecho desta cidade?

Entrevistado: *O rio Grajaú ele vem passando por sérias transformações no que diz respeito ao seu curso e a degradação ambiental. O primeiro sintoma que o rio Grajaú vem passando com*

questões ambientais é a questão da perda de vazão de água devido à morte de seus afluentes, seus riachos que formam o rio Grajaú, e aqui na zona urbana da cidade o que mais maltrata, mais degrada o rio Grajaú é a questão dos esgotos que são lançados no rio Grajaú e também o desmatamento de suas matas ciliar.

Por sua concepção da importância da preservação do rio Grajaú, como está a situação deste rio em dias atuais?

Entrevistado: A situação atual do rio Grajaú é uma situação complicada porque o rio Grajaú vem a anos sofrendo com a degradação ambiental, com desmatamento nos arredores de seus afluentes, que são seus riachos e também desmatamento e queima das vegetações de nascentes menores. Outro problema sério também que eu já vinha falando a pouco tempo atrás é a questão dos afluentes de esgotos que são jogados no rio Grajaú, são jogados vários esgotos, principalmente aqui do Centro da cidade de Grajaú.

Já quanto à questão de educação ambiental e investimentos governamentais na recuperação deste rio, como está a situação?

Entrevistado: A questão é a seguinte, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente por meio da gestão municipal, realiza toda uma limpeza no rio Grajaú, realiza trabalho de conscientização de educação ambiental nas escolas próximo ao rio Grajaú faz trabalho de conscientização também para ribeirinhos e também estamos recuperando nascentes de afluentes e também tentando plantar alguns milhares de mudas na sua nascente do rio Grajaú que fica na cidade de São Pedro dos Crente.

Na entrevista com membros integrantes da **Colônia dos Pescadores do rio Grajaú** a primeira pergunta buscou entender o que pensam os membros da Colônia dos Pescadores do rio Grajaú a respeito de como se encontra a situação deste rio em dias atuais.

Do seu ponto de vista como se encontra a situação deste rio Grajaú?

Entrevistado 1: De primeiro tinha muita água onde havia lanchas eu passava até dois meses para chegar em Vitória, onde a Caxiense e até São Luis, e a Aldeia e até Vitória onde eu tinha menos potência. (Joaquim Gomes de Araújo).

Entrevistado 2: O Rio Grajaú no passado tinha muita água, era navegável. Canoa do trabalhador vaqueiro. Tinha lancha, muito peixe surubim – pintado – pescada – piau – curimatã- mandi – mandubé e muito mais. Rio Grajaú no presente muita erosão, esgoto cai no rio e, se não tomar providência vai acabar tudo, os peixes. O rio a cada ano vai diminuindo. (João Alves do Nascimento).

Cada um dos dois entrevistados respondeu a primeira pergunta de acordo com o que quis dizer. Os dois últimos tiveram mais foco na pergunta e, o primeiro respondeu fugindo um pouco da primeira pergunta. Mas, foram todas respostas verdadeiras como é o plano nas entrevistas.

De acordo com relatos dos pescadores mais antigos, como se encontra o volume de peixes pescados em dias atuais?

Entrevistado 1: Na época existia muitos peixes, onde nunca fui empregado, criava minha família com o sustento do peixe, na época não tinha gelo, só retalhava os peixes e vendia, depois de algum tempo comprei um freezer aí passei a congelar e vender para tirar o sustento. (Joaquim Gomes de Araújo).

Entrevistado 2: No passado o volume de água do rio Grajaú era grande, tinha riacho brejo descia par ao rio. Hoje volume de água caiu 50%. Muito mergulhador que não tem consciência mata peixe grande e pequeno, se não tomar as providências cabidas vamos ficar sem peixe. (João Alves do Nascimento)

Cada um dos dois pescadores entrevistados concorda que a redução da quantidade de peixe do rio é algo relativo à questão da degradação deste mesmo rio Grajaú ao longo deste

século.

Buscando-se entrevistar em suas próprias residências, estes pescadores retrataram de forma muito objetiva seus pensamentos em cada uma das respostas. Sendo que o Sr. João Alves Nascimento foi fotografado ao lado de sua esposa que também tem um histórico de pescadora no referido rio Grajaú. Ou seja, fica evidenciado se tratar de uma família com tradição em pesca natural.

Você tem notícia de alguma política pública eficiente em andamento para recuperar este rio e aumentar o volume de peixes?

Entrevistado 1: *Vejo só falar, mas, não tenho nem um conhecimento de alguém trabalhar na melhoria desse rio. Com isso as poucas nascentes estão morrendo.* (Joaquim Gomes de Araújo).

Entrevistado 2: *Sim, já ouvi falar, falar só que nunca acontece. Nem tanque nem no rio.* (João Alves do Nascimento)

Os dois entrevistados cumpriram com sua parte da entrevista sendo muito gentis e prestativos, expressando o que pensavam de acordo com suas experiências de vida de pescadores.

A escolha de entrevistar esses moradores pescadores ribeirinhos mais velhos se deu pela importância de saber o que estes pensam sobre a questão de degradação da natureza, como o rio Grajaú. Buscando-se, dessa forma, um aprendizado prático de muita importância como complemento ao aprendizado teórico previamente alcançado nas investigações literárias e virtuais deste trabalho.

De acordo com sua visão da importância de preservação da natureza, o que lhe vem a sua mente quando vê esse rio degradado?

Entrevistado 1: *É a maior tristeza, pois, quem conheceu o rio Grajaú como eu, desse a infância, atualmente é uma verdadeira catástrofe é uma calamidade pública, as gerações futuras talvez irão ver somente o leito.* (Raimundo de Assunção Cunha)

Entrevistado 2: *Disseram-se que tem um limite da marinha de cada lado das margens do rio, que ninguém pode depredar, o limite de 50 m; não respeitaram mais esse limite. Estão derrubando as árvores até na beirinha do rio. Destruindo as gameleiras, as muxibas, ingerimos, juá e muitas outras que formam o bioma natural contribuindo assim para a diminuição das águas do rio.* (Mariano Alves Pessoa)

Entrevistado 3: *Vem uma tristeza porque eu já tinha passado minha infância nadando e brincando neste rio, era mais limpo e, a pescaria era muito mais fácil para todos. Ao contrário do que acontece agora.* (Edvaldo da Silva Oliveira)

O que seus pais ou avós diziam sobre a beleza e fartura que este rio Grajaú era para suas vidas?

Entrevistado 1: *Meus pais e avós falavam com orgulho das cheias do rio Grajaú, da fartura de peixes de várias espécies tanto no inverno e verão, suas margens frondosas pelas gameleiras e hoje só devastidão.* (Raimundo de Assunção Cunha)

Entrevistado 2: *Pelo eu contaram, o nosso rio Grajaú era tão belo quanto o Pantanal do Mato Grosso, animais e aves das mesmas espécies de lá – cigarras, mutum, jacus e animais onça-pintada, lontras, capivaras, antas e muitos outras espécies, na época subiam cardumes de peixes desde as pequenas piabas até o grande surubim e mandi pintado, o rio sim caudaloso era o caminho que transportava certas mercadorias, até mil novecentos e cinquenta tudo era transportado por ele.* (Mariano Alves Pessoa).

Entrevistado 3: *No que eu lembro eram coisas boas que eu escutava quanto à questão de fartura de peixes, mas, também já havia poluição em menor quantidade do que acontece nos dias atuais.* (Edivaldo da Silva Oliveira)

Você tem esperança de que algum dia este rio possa voltar a ser belo e limpo como já foi no passado?

Entrevistado 1: *Não acredito que nosso rio volte a ser o passado de águas cristalinas, se perdesse uma agulha na água a mesma era encontrada, atualmente até esgotos de casas residenciais são colocados para dentro do rio, são tantas porcarias que é a causa do seu desaparecimento.* (Raimundo de Assunção Cunha)

Entrevistado 2: *Esse rio foi o caminho da fundação e do progresso da Vila da Chapada que deu origem a cidade de Grajaú, merece todo respeito e zelo, gostaria eu governo e o povo em geral contribuíssem com a limpeza e a não depredação, não jogando esgoto e sujeiras em suas águas, este rio é nosso patrimônio histórico.* (Mariano Alves Pessoa).

A resposta do Sr. Mariano evidencia sua consciência histórico, política e ambiental, além de uma boa e detalhada memória de tempos passados.

Entrevistado 3: *Esperança de igual ao que foi no passado eu não tenho, mas, acredito que é possível cuidar melhor dele para ser melhorada a qualidade de sua água.* (Edivaldo da Silva Oliveira)

Sua resposta, concisa e objetiva, reflete bem sua compreensão da (triste) realidade atual do Grajaú.

Vale ressaltar que todo este trabalho de campo foi devidamente documentado, sendo as entrevistas gravadas e posteriormente a autorização dos seus autores, transcritas neste trabalho.

Considerações Finais

Dentre inúmeras possibilidades, a escolha deste tema reveste-se de significativa relevância pois, é pelo passado que podemos entender o presente e entrever o futuro. Não obstante, estudar o passado, a partir de um rio, é se identificar enquanto ser social que pertence a um lugar e nele encontra uma identidade, é ter responsabilidade sobre a história da cidade e sobre o meio ambiente e as pessoas que nele vivem.

No decorrer da criação deste trabalho buscou-se ainda cumprir com os objetivos de investigação, a aprendizagem teórica e prática com documentação das fontes pesquisadas para cumprir com o critério de cientificidade na construção deste trabalho de natureza ambiental e histórica.

Estamos certas que tudo o que foi visto e que agora passa ao conhecimento público, pode suscitar a criação de projetos educativos no campo da História, nomeadamente da história da cidade de Grajaú e do seu rio, com vistas a preservação dos recursos naturais tão importantes para a manutenção da vida de todos.

Referências

ALISSON, E. Manejo de água no país é crítico, afirmam pesquisadores. Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/18019> estudo virtual feito em: 02 set. 2019.

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa. Instituto Socioambiental do Médio Mearim-ISAM. **Proposta para recomposição da mata ciliar do rio Mearim.** Pedreiras. 2014.

COSTA, Floriano Rodrigues. **Trajetória de um grajauense.** São Luís: Gráfica Rápida, 2013. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, Art. 2º.** Disponível em: <https://mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental> estudo virtual feito em: 02 set. 2019.

PACHECO FILHO, Alan Kardec Gomes. **Varando mundos: navegação no vale do rio Grajaú.** São Luís: EDUEMA, 2016.

Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, Art 1º. Disponível em: <https://mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>. estudo virtual feito em: 02 set. 2019.

SANTOS, Eder carvalho dos. *Sustentabilidade ambiental em cidades médias maranhense: caso de Grajaú.* Universidade Federal do Maranhão, São Luís – MA, 2008.